Água da ribeira nova,
Vai regar o laranjal,
Trago-se aqui um raminho,
P'ró laço do avental.

P'ró laço do avental,
P'rá renda do teu vestido,
Querida amada vou p'rá guerra,
Deixa-me eu dormir contigo.

Deixa-me eu dormir contigo,
Uma noite não é nada,
Eu entro pelo escuro,
E saio pela madrugada.

Eu sou rapariga nova,
Não me quero ver difamada.
Tu entras pelo escuro,
E sais pela madrugada.

Fonte: Canção popular brejeira recolhida em São Sebastião da Giesteira por Jerónimo Coelho e publicada *A Giesta*, n.º1, 21 de maio de 1983.

Se o cantar a mim distrai,
Qualquer coisa me entretém,
E assim vou passando o tempo, ó ai,
Sem ter amor a ninguém.

Lá vai uma, lá vão duas,
Lá vão três para a primeira,
Lá vai o meu coração, ó ai,
À cata de quem mo queira.

Açucena branca amorosa,
Teu cabo me dá fim,
Do teu jardim uma rosa, ó ai,
Guarda sempre p'ra mim.

Já hoje assubi ao astro,
Nunca tão alto me vi,
E o meu sentido tá gasto, ó ai,
De tanto pensar em ti.

Lá vai uma, lá vão duas,
Lá vão três e lá vão quatro,
Lá vai o meu coração, ó ai,
À cata do teu, engrato.

Quem tem um pinheiro, tem pinhas,
Quem tem pinhas, tem pinhões.
Quem tem um amor tem penas, ó ai,
Quem tem penas, tem paixões.

QUADRAS POPULARES

Atirei com o verde ao verde
Atirei com o verde ao ar
Atirei o meu sentido, ó ai,
Aonde o pude alcançar.

Deitei um limão correndo
E à tua porta parou
Quando o limão te quis bem, ó ai,
Que fará quem o deitou.

Fonte: Quadras populares recolhida em São Sebastião da Giesteira por Jerónimo Coelho e publicada *A Giesta*, n.º2, 23 de junho de 1983.

Desceu Deus do Céu à Terra
E da terra formou um homem
É a própria terra que nos cria
E é a terra que nos come.

I

Deu um Deus a bela luz
Que a todos dá esplendor
Para que saiba todo o autor
E o poder do bom Jesus
Olhem que eu a ler me pus
Na Escritura que se não erra
Mas a que é que se encerra
Este grande fundamento
Para formar um firmamento
Desceu Deus do Céu à Terra.

II

Como Deus não há segundo
E nem há nem pode haver
Um Deus com tanto poder
Que formou a todo o mundo
Tem o seu poder profundo
Livre de peste e de fome
E o padre eterno não dorme
Por ser autor da Natureza
Que ainda para maior grandeza
Da terra formou um homem.

III

Formou nos astros os planetas
E formou aves para voar
Formou os peixes no mar
E formou os homens de letras
Formou os grandes poetas
E as grandes Sabedorias
Deu a terras cortesias
E onde se criam as flores
Com o auxílio dos senhores
E é a Terra que nos cria.

IV

Quantas mil criaturas
Que no mundo terão morrido
Tudo a Terra tem comido
No centro das sepulturas
Ali findam as figuras
Seja de mulher ou de homem
E a Terra tudo consome
Com a sua valentia
A própria Terra que nos cria
E é a Terra que nos come.

Fonte: Décimas, recolhidas por Mariana Maria Sabino que na altura frequentava o Curso de Alfabetização de Adultos na aldeia de São Sebastião da Giesteira e publicadas *A Giesta*, n.º6, junho de 1984.